

PUIG I TARRECH, Armand (a cura de), **Relectures de l'Esclitura a la llum del Concili Vaticà II (2): «La serp d'aram»**, col. «Scripta Biblica», Associació Bíblica de Catalunya / Facultat de Teologia de Catalunya / Publicacions de l'Abadia de Montserrat, 2015, 242 p. 235 x 155, ISBN 978-84-9883-734-6 (vol. 2) / 978-84-9883-737-7 (obra completa).

Este é o segundo volume dos dois atrás referidos. A imagem bíblica aqui assumida e estudada é a da serpente de bronze, referida na Bíblia em Nm 21,4-9, que é analisada em confronto com Jo 3,14-15. Na sua análise, os autores, utilizando diversidade de metodologias exegéticas, ultrapassam os limites dos dois textos em confronto, tendendo a extrair todas as propriedades incluídas no símbolo. Coincidem, porém, no peso simbólico da serpente do deserto como imagem de cura, que é salvação. Entretanto, o amplo espectro de sugestões de sentido que se desvelam na interpretação da serpente – no texto massorético, nos Setenta e no Targum – alarga-se quando se entra na apropriação que o evangelho de João faz daquele símbolo. A serpente levantada para a cura das mordeduras abre o seu sentido essencial como prefiguração de Jesus crucificado e exaltado pela sua ressurreição, tornando-se fonte de vida para os que nele põem o seu olhar de fé. O pleno desenvolvimento deste sentido é obra dos Padres dos séculos II e III (Carta de Barnabé, Justino, Ireneu, Tertuliano e Orígenes). Filão, em conformidade com as suas habituais preocupações hermenêuticas, aparece então como voz isolada, com a sua proposta de interpretação alegórica de Nm 21.

Os autores e respectivos estudos deste volume são os seguintes: Jean Louis Ska:

Nombres 21,4-9: «Un serpent d'airain et un tissu d'énigmes»; Jordi Cervera i Valls: «Serpents en Nm 21,4-9 i en 2Re 18,4 (*Saraf, nahaix nehoixet, Nehuixtan*)»; francesc Ramis Darder: «La serp d'aram: assaig d'interpretació metafórica»; Enric Cortes: El relat de Nm 21,6-9 en la tradició tragúmica»; Antoni Pou Muntaner: La serp de bronze enlairada per Moisés (Nm 21,4-9 i Jn 3,11,21). Vers una interpretació psicológico-simbòlica»; Josep Oriol Tuñi Vengells: «Ús i sentit de l'Antic Testament en l'Evangeli segons Joan»; Damià Roure: Nm 21,4-9 en la interpretació al·legòrica de Filó d' Alexandria»; Albert Viciano i Vives: «La serp d'aram (Nm 21-4-9) en els Pares de l'Església del segle II i en Orígenes».

LUÍS SALGADO

HISTÓRIA / BIOGRAFIA

SILVA, M. Fernando, **Pastorinhos de Fátima**, Paulinas Editora (www.paulinas.pt), Prior Velho 2015, 407 p., 210 x 140, ISBN 978-972-751-540-0.

Neste livro, relativamente volumoso, o autor tem como escopo de fundo, em conformidade com o título, apresentar a vida e sobretudo a espiritualidade dos pastorinhos de Fátima, decorrente das visões de Nossa Senhora, das suas recomendações e dos seus avisos. Mas, na realidade, além daquele objetivo, perfeitamente alcançado, o leitor acaba por poder encontrar aqui toda a história do fenómeno de Fátima. Uma e outra destas vantagens têm, no livro, o mérito de se encontrarem documentalmente bem fundamentadas. O Cônego Doutor Fernando Silva serviu-se de fontes credíveis, com

largo destaque para os seis volumes das *Memórias* da Irmã Lúcia.

Uma breve passagem pelos sete capítulos que estruturam o texto dá uma ideia quanto baste da riqueza do seu conteúdo de história (de Fátima) e biografia (dos pastorinhos), do seu envolvimento nas aparições de Fátima, das incidências sobre a sua vida, de reflexão teológica, de espiritualidade e de exemplaridade ou de lição que dos três se depreende.

Um primeiro capítulo é dedicado às famílias dos pastorinhos. São aí postos em evidência, com bastante minúcia, os valores humanos e as virtudes cristãs cultivados pelos pais de Francisco e Jacinta e pelos da Lúcia de Jesus, valores e virtudes que se reflectem no comportamento dos filhos em tudo o que se refere às aparições de que Deus e Maria os tornaram videntes, testemunhas e mensageiros.

O segundo capítulo, também muito minuciosamente, dá-nos conta da vida e da personalidade das três crianças em causa. Coisas muito concretas, como a sua piedade, sinceridade e humildade, prudência e delicadeza, são aqui apresentadas ao par de traços vários que denotam o lado humano das mesmas crianças: limitações e defeitos, vida de pastores, jogos preferidos, alma de poeta (Francisco) e de artista (Jacinta), gosto de bailar, amor pela natureza, etc. etc.

O capítulo terceiro faz o relato das, algo misteriosas, aparições do Anjo de Portugal, em 1915 e 1916. O autor do livro que aqui se apresenta não deixa de enfrentar uma questão pertinente: porque é que os pastorinhos, nomeadamente a Lúcia, que, dos três, fora a única vidente, guardaram silêncio sobre elas até 1946? A resposta é dada por palavras da mesma (agora já Irmã) Lúcia: forte impressão e alguma confusão que lhes ficara na cabeça, preocupação de não serem molestados pela curiosidade e perguntas das pessoas e, em definitivo,

uma ordem do Bispo de Leiria, que lhes impões silêncio, até que, mais tarde, os obrigou a falar (pp. 150.151).

O capítulo seguinte relata o que o autor chama «o grande encontro com a Mãe do Céu», ou seja, as aparições de Nossa Senhora, entre 13 de Maio e 13 de Outubro de 1917. Realça, em cada uma, pormenores particularmente significativos, tais como as mãos de Maria irradiando luz, a visão do inferno, a devoção ao Imaculado Coração de Maria, a carta escrita pela Irmã Lúcia em 1944, em Tuy, por ordem do Bispo de Leiria, em que relata a terceira parte do Segredo, a perseguição pelas autoridades civis, o milagre do Sol em Outubro.

O capítulo quinto apresenta os três videntes como «testemunhas da mensagem». O seu testemunho é descrito em múltiplas facetas, com relevo para a profunda transformação espiritual naqueles operada, para os sofrimentos que suportaram por causa das aparições, para a grande piedade que deles se apossou, para os sacrifícios que se impuseram em obediência às recomendações da Senhora, para a doença suportada com grande fortaleza, etc. etc.

«Os caminhos da Lúcia» é o título que encima o capítulo sexto. Aí Fernando Silva apresenta uma série de variações e de testemunhos da vidente depois das aparições. Refere a devoção dos primeiros sábados e a consagração da Rússia, os sofrimentos por que passou, a sua ausência de Fátima e a sua estadia em várias terras (Lisboa, Santarém, Porto, Braga (Bom Jesus), Galiza... Refere as aparições do Menino Jesus em Pontevedra, a sua entrada no Carmelo, a sua morte e a sua via de escritora.

Finalmente, o último capítulo dá conta do processo e da consumação da causa de beatificação de Francisco e Jacinta. Algo que não deixa de ser curioso e surpreendente é-nos dito numa «Nota final». O autor, ainda em vida da Irmã Lúcia,

enviara-lhe um exemplar do que chama uma primeira edição deste livro. Apresenta testemunhos de que foi lido por ela, que dele terá dito – segundo testemunho da Priora – «que era o que estava mais real». Esse exemplar foi, por isso, integrado na biblioteca do Carmelo de Coimbra.

JORGE COUTINHO

RELIGIÃO / RELIGIÕES

LIBANIO, João Batista, *¿Cual es el futuro del Cristianismo?* col. «Frontera», San Pablo (www.sanpablo.es), Madrid, 2014, 205 p., 210 x 135, ISBN 978-8-4-285-4617-1.

Desafiados pelo decréscimo do número de cristãos no mundo ocidental e pelos novos desafios que uma cultura profundamente nova em relação àquela a que estávamos habituados há poucas décadas atrás, vão sendo já numerosas as reflexões e os escritos sobre o incerto futuro do cristianismo e da Igreja, nomeadamente neste espaço do Ocidente. J. B. Libânio – jesuíta brasileiro, professor na Faculdade de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte e com responsabilidades pastorais numa paróquia – é figura bem conhecida nos meios teológicos e eclesiais portugueses. Neste livro, editado no Brasil em 2006, junta-se a outros analistas e pensadores na preocupação de descortinar esboços para a figura da Igreja do futuro e vias para uma pastoral na linha de um cristianismo segundo Cristo Jesus.

Curiosamente, o seu contributo neste livro tem a singularidade de procurar compreender o presente e aduzir possíveis

caminhos de futuro a partir de uma análise do que foram, em suas sucessivas fases, o cristianismo e a Igreja do passado. Subjacente está, com certeza, o velho ditado «A história é mestra da vida». Começa, mesmo, pelo fundador, Jesus Cristo: sua identidade; o que, em consequência é (verdadeiramente) cristianismo, Igreja, enfim, ser cristão. A figura de Jesus é analisada em diversas facetas, que se tornam sugestivas para comportamentos análogos, ou em situações análogas, por parte dos cristãos: Jesus e o Baptista, e os essênios, e os fariseus, e os zelotes... o homem Jesus... Um capítulo é dedicado ao «movimento de Jesus depois da morte», com a irradiação da sua mensagem e da figura de Ressuscitado. Segue-se outro capítulo sobre o cristianismo e as perseguições romanas, realçando, entre outras coisas, as razões políticas das perseguições, a resistência cristã, o testemunho de vida dos cristãos. Vem depois o que J. B. Libânio chama «a simbiose do Império». De destacar aí aspectos vários que têm sido postos em evidência nos estudos dos últimos tempos, desconstruindo a ideia (exclusivamente) positiva da Igreja constantiniana: a passagem do cristianismo «das catacumbas aos palácios», a irrupção da presença pagã, o cristianismo como religião oficial e a oscilação entre o cesaropapismo e o clericalismo. Em modo de conclusão deste capítulo, faz o balanço desta Igreja constantiniana, que pensou poder instaurar o reino de Deus em plenitude já na terra e, ainda por cima, na base do poder, que não do serviço. Entre outras coisas, verá, a seu tempo, como um dos seus frutos, o surgimento da Inquisição. Desta época de Críandade faz questão de pôr em relevo, dedicando-lhes um capítulo próprio, diversos movimentos carismáticos, como reacção e resistência ao regime eclesial instaurado e vigente ao longo de toda a Idade Média: o montanismo,